

# Temas para meditação

O remate do meu artigo na *Revista de Portugal* suscitou um segundo argumentador, além do Sr. Mário Ramos no *Diabo*: o Sr. Jofre Amaral Nogueira no *Sol Nascente*. O tom do Sr. Nogueira, estando ainda muitíssimo longe da afinação, pareceu-me bastante menos desafinado que o do Sr. Mário Ramos; e decido-me por esse facto a pedir ao Sr. Nogueira que faça um pequenino esforço de pensamento desinteressado, independente, crítico, para apreender em todo o seu alcance os três ou quatro séguintes temas, que submeto às suas meditações:

*Primeiro tema.* Não confundir a acção da *matéria* do cérebro com a do respectivo *pensamento* (¡infinita atenção a este ponto!). Pensar se não será só verdadeiramente materialista o indivíduo que admite uma acção recíproca entre a *matéria* do cérebro humano e a *matéria* que rodeia esse mesmo cérebro, sendo então o pensamento que acompanha os movimentos daquela primeira *matéria* um simples epifenómeno, sem acção eficaz na evolução da *matéria*, — assim como a luz dos faróis de um navio a vapor, por exemplo, acompanha a marcha do vapor, mas não tem acção eficaz na dita marcha, não faz parte do maquinismo de propulsão (composto de fornalhas, caldeira, cilindros, veio da hélice, hélice, etc., mas não dos faróis do navio). Desde o momento em que eu atribua acção eficaz, não só à *matéria* dos nossos cérebros, mas também ao próprio *pensamento* que acompanha os movimentos dessa *matéria*, abandono de facto a tese materialista, — e foi por isso mesmo (isto é: para poder manter a tese materialista) que se inventou o epifenomenismo, absolutamente necessário a quem queira ser materialista. Pregunte-se a um químico se ele admite que a reacção entre dois corpos, A e B, que estão numa retorta, possa ser perturbada por quaisquer pensamentos que ocorram no corpo A ou no corpo B. Como químico, ele não me inibe de imaginar que tais pensamentos realmente existam, mas dir-me-á que a sua química deixaria de ser química se os resultados das suas reacções estivessem à mercê de acções eficazes desses pensamentos, os quais não pode conhecer como *químico*; dir-me-á que é possível que tais pensamentos existam, mas que o resultado da reacção só depende das acções recíprocas *materiais* entre A e B; e que os tais pensamentos, se existem, são meros *epifenómenos*.

*Segundo tema.* O verdadeiro materialista pode dizer que as coisas evoluem por opposição e com-

posição de *fôrças materiais*; porém, sai do materialismo o indivíduo que suponha que tal opposição e composição de *fôrças materiais* é regida por uma opposição e síntese de *ideas*. Quando o químico me diz que o corpo A se combina com o corpo B, dando em resultado o corpo C, ele não me afirma que a *idea* do corpo A, opondo-se à *idea* do corpo B, dá como síntese a *idea* do corpo C. Esta última concepção suplementar (quere dizer: esta *dialéctica*) seria por ele considerada como absolutamente inútil e contrária ao espírito *materialista* com que ele estuda e encara os fenómenos químicos. Mal eu afirmo que a opposição e composição das *fôrças materiais* reproduz uma opposição e composição de *ideas* (por outras palavras: mal afirmo que aquela primeira opposição e composição é *dialéctica*) eu saio do campo do materialismo.

*Terceiro Ponto.* O verdadeiro materialista não pode dizer que a *idea* é um produto *superior* da *matéria*, porque sob o ponto de vista materialista a palavra *superior* não tem sentido (não que o Sr. Nogueira me diga esta palavra; mas outros a dizem). Nunca um cientista diria que a propriedade de ter um certo ponto de fusão é, em determinado corpo, *superior* à propriedade de ter tal densidade, ou tal dureza, ou tal calor específico. Também o materialista não pode falar em *justiça*, ou indignar-se contra qualquer *injustiça*. Nunca um físico dirá que lhe parece *injusto* que o chumbo seja mais denso que o alumínio, ou o diamante mais duro que o vidro.

*Quarto Tema.* Eu não discuti naquele meu artigo nenhuma das teses humanas (por que assim digamos) da doutrina chamada «materialismo dialéctico»; só discuti a justeza da sua afirmação *metafísica*, a saber: aquela designação de «materialismo», dada a uma doutrina que — em meu juízo — não é materialista. Suponha o Sr. Jofre Amaral Nogueira que, sendo de uma família chamada *Nogueira*, e filho de um senhor chamado *Nogueira*, — adoptava o apelido de *Oliveira*. Se eu lhe dissesse que não via motivo para a adopção deste novo apelido, pois que o Sr. Jofre Amaral Nogueira pertencia à família dos *Nogueiras*, e não à família dos *Oliveiras*, — eu não contestaria por esse facto as muitas virtudes do Sr. Nogueira, nem o Sr. Nogueira deixaria de ser, por isso, a excelente pessoa que suponho que é. Pois o mesmo sucede no presente caso. Digo que a doutrina baptizada com o nome de «materialismo dialéctico», — ou Dialéctico Materialismo, — não

pertence à família dos Materialismos (como o Sr. Nogueira não pertence à família dos Oliveiras) mas sim à família dos Idealismos. Digo além disso que o apelido *Materialismo* não vai bem com o nome próprio *Dialéctico*, — como se dissesse que o nome *Pero Nogueira* não seria botanicamente lógico, e que botanicamente seria mais justo *Pero Pereira*, ou *Nozes Nogueira* (v. o que ficou dito no *Segundo Tema*).

Convenço-me de que, se o Sr. Amaral Nogueira quizer realmente *pensar* nestes quatro temas (buscando desinteressadamente, sem *parti pris*, as suas razões e conseqüências) passará a considerar-me um pouquinho menos estúpido e ignorante do que eu vejo que me considera, e a ler-me com mais respeito e atenção.

Para finalizar, uma observaçãozinha. Há algo que na discussão é menos dispensável do que o saber: é o ser nobre, puro, cavalheiresco, leal. O Sr. Nogueira, por exemplo, escreveu o seguinte:

«Ora, ainda recentemente afirmava o meu caro «filósofo»: «Todos os argumentos são por mim conhecidos... e para todos os argumentos tenho eu as respostas»...

Sabe o Sr. Nogueira que há aí qualquer coisa de falso na sua maneira de apresentar ao leitor o que eu disse. Com efeito, eu não escrevi aquela frase com o sentido *geral*, universal, *indeterminado*, com que aí a apresenta o Sr. Nogueira. A dita frase foi escrita por mim em resposta a um jornalista católico que pretendeu atacar o meu livre-pensamento com as vulgaríssimas e conhecidíssimas argumentações dos jornalistas-apologistas católicos de todos os cantos do universo. Foi *dêsses* conhecidíssimos argumentos (conhecidíssimos *por tôda a gente*, ou, pelo menos, por todos os que já leram um jornal católico) que eu disse que eram por mim também conhecidos; e que lhes sabia responder, como *tôda a gente*. Seria eu o último dos imbecis se dissesse que conhecia todos os argumentos *em geral*, sôbre todos os assuntos existentes e por existir. Não se rale o Sr. Nogueira de dizer erros de doutrina, contanto que fale sempre de boa-fé, — de boa-fé e sem porrência. Nunca recorra a golpes falsos, diga sempre a verdade à sua própria alma, nunca pratique uma deslealdade. Ouso propor ao Sr. Nogueira que peça aos deuses a beleza interior; que se habitue a respeitar o que é respeitável; que procure ser nobre como um Galaz. E permita-me que considere esta minha proposta como um quinto tema para meditação.

ANTÓNIO SÉRGIO

## EM TÔRNO DUM PROBLEMA LITERÁRIO

### Ainda o verso de Gil Vicente

*A seguinte nota foi-nos enviada pelo ilustre professor e nosso amigo Sr. Dr. Paulo Merêa. Muito nos alegraríamos se ela marcasse o início duma colaboração que nos seria tão grata como aos leitores da Seara Nova.*

Já que está de novo na berlinda o célebre passo de Gil Vicente «ora venha a caro a ré», seja-me lícito chamar, por minha vez, a atenção — se acaso o não fêz já alguém, o que é bem possível, — para um lugar paralelo da *Nao d'amores* (fl. CLI da edição fac-simile):

#### AMOR

Pues que dize la marea  
Llieva ancora suso auante  
Atesa aquella polea  
Galanes al cabrestante  
*Y venga la escota a rea*

etc.

A aproximação dos dois passos, que me parece impor-se, favorece bastante a explicação que para o primeiro dêles ofereceu Lopes de Mendonça. Teríamos, num caso:

ora venha o carro à ré

e no outro:

y venga la escota a rea,

talvez duas manobras equivalentes.

Não pretendo resolver a debatida questão: sujeito apenas esta observação (original?) à apreciação dos entendidos.

PAULO MERÊA

Shi